

UMA BARRAGEM CONTRA O GOZO MORTÍFERO: A ESCRITA DE MARGUERITE DURAS ENTRE O AMANTE E A MÃE

Vivian Ligeiro

Segundo o dicionário de língua portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, o vocábulo “devastação” (do latim *devastatione*) implica três possíveis significações: destruição vandálica; ruína de grande desgraça e assolação, destruição.

Em contrapartida, temos o termo “catástrofe” proveniente do grego *katastrophé*, que possui os seguintes sentidos: desordem, ruína e desenlace dramático. Na língua portuguesa, o substantivo pode-se referir à grande desastre ou desgraça, em sentido metafórico. Marca-se, assim, o aspecto trágico de destruição, aniquilamento e estrago que implica o embate, num primeiro momento da mulher com sua mãe, e no segundo, dela com seu parceiro amoroso.

Antes de ingressar no Édipo, a menina vive com sua mãe uma relação de amor – denominada por Freud (1931/1996) de “pré-edípiana” – intensa e exclusiva. A menina se afasta da mãe devido à inveja do pênis, voltando-se para o pai. Esse desenlace, nunca efetivado completamente, não se traduz por uma simples mudança de objeto, mas é marcado por hostilidade, já que a menina culpa a mãe por tê-la trazido ao mundo desprovida de um significante que a represente como mulher, ao mesmo tempo em que confronta a mãe com o enigma de sua própria feminilidade. Tal relação tem efeitos tanto para a mãe quanto para a filha, o que Freud (1931/1996) comparou a uma “catástrofe” e Lacan (1972/2003), posteriormente, a uma “devastação”. No intuito de instigar uma reflexão acerca deste conceito, e suas implicações clínicas, tomaremos a escrita de Marguerite Duras, ressaltando um dos seus livros que se tornaram mais populares: “O amante”.

Marguerite Duras nasceu na Indochina Francesa em 1914 e em sua infância, viveu em estado de extrema pobreza. Sua mãe, no momento em que ficara viúva, investiu o pouco dinheiro de sua herança em terras nas quais pretendia cultivar arroz. Tal investimento mostrou-se catastrófico, já que a família perdeu todas as suas terras com inundações, episódio que a autora relata em seu livro “Uma barragem contra o pacífico” (2003). A família desde então se torna miserável.

Apesar de tantos obstáculos, Duras completou seus estudos e ingressou na faculdade de Direito a qual abandonou para ser escritora. Percebemos, ao longo da leitura de muitas de suas obras, a insistente presença do tema da escrita e deduzimos sua importância na vida de Marguerite Duras. A escrita, além de ter proporcionado à escritora segurança financeira e reconhecimento, pareceu se impor para ela como uma paixão avassaladora, uma presença constante e uma força visceral. Segundo Duras: “Escrever, essa foi a única coisa que habitou a minha vida e que a encantou. Eu o fiz. A escrita não me abandonou nunca” (DURAS, 1994, p.15). Sendo esta a única coisa que nunca a abandonou, Duras (1993/1994) afirma que compreendeu cedo em sua vida que era uma pessoa sozinha em sua escrita.

Em seu livro “Escrever” (1994), Duras relata a angústia que a solidão provoca, mas nos demonstra que é a partir dela que surge sua criação literária. “Existe isso no livro: a solidão nele é a solidão do mundo inteiro. Está em toda parte. Invadiu tudo. Sempre creio nesta invasão. Como todos. A solidão é aquilo sem o que nada fazemos” (DURAS, 1994, p.29). Parece-nos ser em torno da solidão e do desamparo irremediáveis, inerentes ao ser humano, que a arte de Duras faz seu contorno.

Aos 70 anos, Marguerite Duras publica “O amante” (2007), considerado o seu livro mais autobiográfico, ainda que em vários outros possamos reconhecer registros subjetivos da história da escritora.

A história é narrada pela própria personagem, a qual não possui um nome, característica comum a vários outros livros da autora. Em idade avançada, a protagonista recorda-se de acontecimentos que a marcaram de forma indelével, sobretudo os de sua adolescência: quinze anos e meio.

A menina morava num pensionato em Saigon, onde comia e dormia, mas freqüentava as aulas no liceu francês. Sua mãe, diretora de uma escola, desejava que a filha terminasse os estudos e prestasse concurso para professora de matemática, preocupando-se muito com a educação de seus três filhos.

A família era composta pela mãe e três filhos: a menina, seu irmão mais novo e o irmão mais velho a quem a jovem odiava:

Eu queria matar meu irmão mais velho, queria matá-lo, ter razão contra ele uma vez, pelo menos uma única vez, e vê-lo morrer. Era para retirar da frente de minha mãe o objeto de seu amor, esse filho, puni-la por amá-lo tanto” (DURAS, 2007, p. 11).

A protagonista narra ao longo da trama, a preferência da mãe pelo filho mais velho, considerado pela menina como assassino e tirano. Embora usasse drogas e roubasse a família toda para sustentar seu vício, a mãe nunca se queixara dele e, depois de sua morte, deixou-lhe a maior parte da herança. Ao morrer, o rapaz foi enterrado junto à mãe, a pedido dela. A protagonista descreve a imagem da mãe e do irmão mortos. E definitivamente juntos, plenos: “Estão os dois juntos no túmulo. Só os dois. É justo. A imagem é de um esplendor intolerável” (DURAS, 2007, p.59). A imagem marcada pela completude esplendorosa da mãe com o seu filho, alcançada na morte, faz-se insuportável para a menina. A personagem se recorda de uma certa fotografia da mãe na qual podemos inferir a imagem desta mulher apreendida pela filha. Na foto, estão a mãe e os três filhos:

Minha mãe está no centro da imagem. Reconheço como ela se sente pouco à vontade, como não sorri, como espera que logo termine a foto. Por seus traços abatidos, por um certo desleixo na roupa, pela sonolência do olhar, sei que faz calor, que ela está cansada e aborrecida (...). Esse grande desânimo de viver atingia minha mãe todos os dias. Às vezes durava, às vezes desaparecia à noite. Tive essa sorte de ter uma mãe desesperada de um desespero tão puro que nem mesmo a felicidade da vida, por mais intensa que fosse, chegava a distraí-la totalmente dele (DURAS, 2007, p.16).

Desesperada, louca, abatida, indiferente, amada e odiada: “a porcaria, minha mãe, meu amor” (DURAS, 2007, p.21). A mãe se configura como o ponto central em torno do qual gravita toda a trama. Embora o título (“O amante”) e a temática central do livro seja a história de amor e desejo pelo homem, nota-se que tal proposta fica obscurecida pelo tema de sua relação com a mãe, a qual ganha destaque durante toda a narrativa. Segundo a escritora, em entrevista a Sinclair Dumontais:

É certamente o medo da infância que conto em “O amante”, aquele medo de meu irmão mais velho e a loucura de minha mãe que me fizeram escrever. A petrificação dos sentimentos diante da força do outro, descobrir, sob o rosto calmo da mãe uma torrente, um vulcão, ou pior, uma ausência., o gelo que já não se move e que nos faz berrar, gritar de medo. A escrita foi a única coisa à altura dessa catástrofe infantil (DURAS, 2007, p.89).

Percebemos, portanto, que este livro é produzido diante da ausência e, sobretudo, do excesso implicados no embate da escritora com a mãe. Ou seja, é por meio de sua escrita que Duras tenta contornar o real imposto pela catástrofe materna, empreendendo, frente ao excesso do gozo Outro, uma verdadeira “barragem contra o Pacífico”.

A personagem mantém uma longa relação com o amante chinês e extremamente ambivalente. Curiosamente, ao longo de todos os seus encontros sexuais narrados detalhadamente pela menina, é evocada a imagem da mulher com as meias cerzidas que atravessa o quarto (DURAS, 2007, p.32): sua mãe. A menina narra a cena de uma relação sexual angustiante, na qual somente a mãe ganha o destaque:

Os beijos no corpo fazem chorar. É como se consolassem (...) Digo que vou me desgarrar de minha mãe, que um dia nem mais amor sentirei por ela. Choro. Ele descansa a cabeça em mim e chora por me ver chorar. Digo que em minha infância, a infelicidade de minha mãe ocupou o lugar do sonho. Que o sonho era a minha mãe e nunca as árvores de Natal, somente ela, sempre (...) (DURAS, 2007, p. 36).

Descreve-se uma separação ensaiada e adiada com a mãe que se repete com o amante em seus encontros. Nota-se aqui a estreita relação entre o gozo sexual – descrito pela personagem como sendo extenuante, angustiante, da ordem do absoluto e do infinito, “um gozo de morrer” (DURAS, 2007, p.65) – com a mãe e com o gozo. Outro implicados nesta relação devastadora. “Para a morte, uma única cúmplice, minha mãe” (DURAS, 2007, p.19). A morte, relacionada ao gozo sexual obtido pela menina em seus encontros com o amante, nos quais a mãe se apresenta como personagem principal.

Coutinho Jorge (2008) nos esclarece algo sobre esta relação enigmática entre o gozo sexual e a morte que permeia todo o romance. Ao contrário do amor, que tem como intuito abolir a morte de seu horizonte, na medida em que tenta preencher a falha real imposta pela não existência da relação sexual; o sexo admite a morte e parece nutrir-se dela. O autor (2008) demarca que a relação entre o gozo sexual e a morte se faz notar até por meio de manifestações languageiras. A expressão francesa *petite morte*, usada para designar o orgasmo, traz a morte em si mesma. Portanto, seria a partir do gozo sexual, fálico, mediatizado pelo significante, que a morte, como a insinuação da Coisa (*das Ding*), estaria à espreita. Seria como se o gozo sexual permitisse ao sujeito ter acesso a uma pequena parte do impossível e do absoluto da morte, só que, incondicionalmente, mediatizada pela Lei e pelo significante.

Assim, o cenário de seus encontros é descrito como um lugar irrespirável, que beira a morte, de dor, sexo e desespero. Paradoxalmente, também é o lugar do aconchego, do cuidado e onde a menina é colocada no lugar de amada: o homem lhe dá banho, ele adora lavá-la, maquiá-la e vesti-la. Em relação ao desejo do amante, ela é a

“preferida de sua vida” (DURAS, 2007, p.48), posição que parece vir em resposta à preferência de sua mãe – seu filho mais velho.

Nessa perspectiva, Miller (2003) divide a devastação em dois tempos. O primeiro é denominado “tempo de devastação” (MILLER, 2003, p.43), período em que a criança é tomada como objeto de gozo do Outro materno. Freud (1931/1996) já mencionara a angústia que a criança sente neste período que é apresentada sob a forma de ser devorada pela mãe. O gozo aí implicado é em si mesmo devorador e mortífero pelo fato de que é o próprio corpo da criança que vem aplacar a insaciabilidade do desejo materno. A inscrição do Nome-do-pai, e a conseqüente identificação ao pai e o acesso ao falicismo colocam uma barreira de proteção, uma interdição ao desejo da mãe que marca o tempo de devastação. Mas é no ponto de fragilidade dessa barreira, quando ela vacila, que pode emergir o excesso marcado pelo gozo próprio ao feminino.

Num segundo tempo, podemos destacar o lugar concedido ao parceiro no envolvimento amoroso que, conforme Freud (1996/1931), revela-se herdeiro da relação pré-edipiana e, mais precisamente, das exigências feitas à mãe, tornando-se alvo da reivindicação fálica. A mulher demanda insaciavelmente ao homem ser amada – e preferida – para encontrar o seu lugar de mulher a partir do desejo do homem, portanto, uma identificação feminina que outrora fora exigida da mãe.

Marca-se aqui a ambivalência da relação da menina com a sua mãe, transferida para o homem: o excesso, marcado por um gozo que transcende os limites fálicos e a necessidade de assegurar-se no lugar de amada como suporte fálico e identificatório.

Percebe-se tal referência ao infinito do gozo Outro catastrófico, pela insistência da evocação ao longo dos textos de Duras ao mar. Este se configura como cenário de muitos de seus livros, tais como: *Agatha* (1981); *A doença da Morte* (1982); *Olhos*

azuis, cabelos pretos (1986) entre outros. Este elemento se apresenta não apenas como uma paisagem inerte, mas como ativa, participando do desenrolar das tramas.

Perrone-Moisés (2007), no belíssimo posfácio do livro “O amante” (2007) destaca, assim como nós havíamos percebido anteriormente, a associação homofônica entre *La mer* (o mar), e *La mère* (a mãe). Marca-se a aproximação do gozo sexual com o amante ao gozo Outro catastrófico com a mãe, ambos remetidos ao mar. Assim “o mar incomparável” (DURAS, 2007, p.32) *La mer incomparable* descrito pela protagonista, associa-se à mãe igualmente incomparável. Justifica-se assim a escrita deste romance como uma verdadeira “barragem contra o pacífico”, ou seja, uma tentativa da autora em circunscrever o excesso, a violência e o infinito do gozo Outro.

BIBLIOGRAFIA

DURAS, M. **Escrever**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

_____. **O amante**. São Paulo: Cosac Naif, 2007.

_____. **Uma barragem contra o pacífico**. São Paulo: Difel, 2003.

FERREIRA, A. B.H. **Dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

FREUD, S. Sexualidade Feminina (1931). In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v.21. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

JORGE, M.A.C. O amor é o que vem em suplência à inexistência In: ALBERTI, S. (Org.). **A sexualidade na aurora do século XXI**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud: CAPES, 2008.

LACAN, J. O aturdido (1972). In **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

MILLER, J-A. Uma partilha sexual. **Revista Clique**, Belo Horizonte, v.II, n.2, p.15-29, agosto de 2003.

SOBRE A AUTORA

Vivian Ligeiro. Psicanalista. Mestre em Psicanálise – pesquisa e clínica pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Professora adjunta da Faculdade de Minas (FAMINAS/ Muriaé). Associada ao Corpo Freudiano do Rio de Janeiro - Escola de Psicanálise.